

Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola¹

Cristiane Carneiro Capristano

Resumo

Neste trabalho, analiso fatos divergentes que caracterizam o funcionamento de enunciados escritos produzidos por crianças no chamado processo de aquisição da escrita. Essa análise tem a finalidade de colocar em evidência que o funcionamento divergente da escrita infantil pode ser tomado como indício de um imaginário infantil sobre a escrita vinculado, essencialmente, ao imaginário presente nas práticas sociais orais e letradas (escolarizadas e não-escolarizadas) das quais as crianças participam. Nesse sentido, procuro defender a hipótese de que esses fatos divergentes poderiam ser interpretados como evidências em favor da *heterogeneidade da escrita* (CORRÊA, 2001 e 2004).

Palavras-chave: aquisição da escrita, heterogeneidade, segmentação.

For a heterogeneous conception of writing produced and which is teaches in schools

Abstract

In this work divergent facts which characterized the functioning of the written statements produced by children in the acquisition of the written process are

¹ Grande parte das reflexões que desenvolvo neste trabalho retoma, com poucas alterações, parte de reflexões que fiz em minha pesquisa de doutoramento, *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*, defendida no IEL/Unicamp em 2007, sob orientação da Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos.

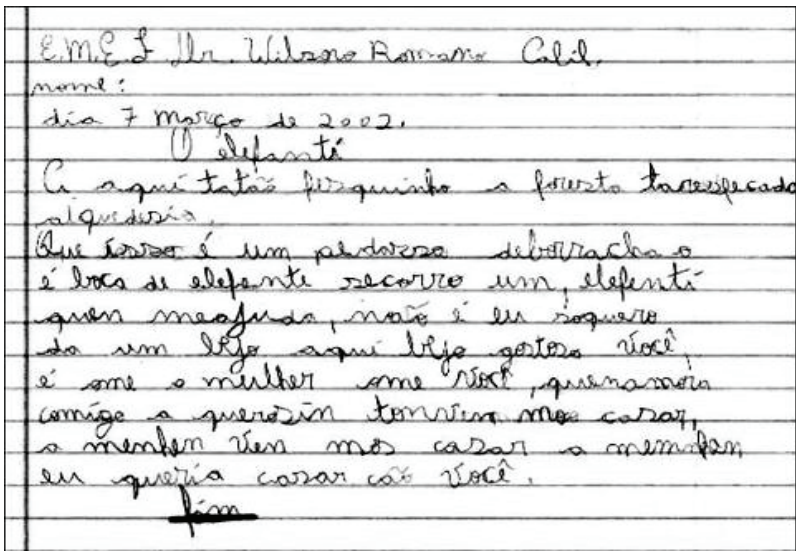
analyzed. This analysis has the aim of highlight the divergent functioning of the child write takes as indicative of the children imaginary on writing, essentially, the imaginary present in the social oral and writing practices (schooled or not schooled) which ones the children participates. In this sense, this study defends the hypothesis that divergent facts could be interpreted as evidences in favor of the writing heterogeneity (CORRÊA, 2001; 2004).

Keywords: acquisition of writing; heterogeneity; segmentation.

Introdução

Para iniciar a presente reflexão, convido o leitor a observar o enunciado abaixo, a meu ver, representativo de enunciados produzidos no chamado processo de aquisição da escrita. O enunciado que (re)apresento foi produzido por uma criança no início de seu processo de escolarização – antiga segunda série do ensino fundamental. Trata-se de uma narrativa, baseada em uma história (não-verbal) em quadrinhos:

Figura 1



(Leitura preferencial: E.M.E.F. Dr Wilson Romano Calil/ Nome: XXXXXX/ Dia 7 de março de 2002/ O ELEFANTE. Ah! Aqui está tão fresquinho. A floresta está refrescando. Ai que delícia! Que isso? É um pedaço de borracha ou é boca de elefante? Socorro! Um elefante! Quem me ajuda? Não. Sou eu. Só quero dar um beijo. Ah! Que beijo gostoso. Você é homem ou mulher? Homem. Você quer namorar comigo? Ah. Quero sim. Então vamos casar amanhã. Vamos casar amanhã. Eu queria casar com você.)

Não é difícil perceber que esse enunciado apresenta funcionamento diferente daquele esperado pela escrita tida como padrão, em especial naquilo que poderíamos designar como sua dimensão gráfica. Nele, é possível observar, dentre outras, as seguintes divergências: (a) quanto à seleção, organização e distribuição de elementos que compõem a sílaba escrita – por exemplo, a substituição em *pedasso* (pedaço) e as omissões em *fesquinbo* (fresquinho) e *foresta* (floresta) em contraste com as escritas em *março*, *ocê*, *queria* etc.; (b) quanto à pontuação – por exemplo, a ausência de marcação de pontuação nos trechos claramente interrogativos, tais como *Quer namorar comigo?* em contraste com a marcação de pontuação no trecho final, declarativo, *eu queria casar com você*; e (c) quanto à distribuição de espaços em branco – por exemplo, a junção não-prevista em *deborracha* e a separação não-prevista em *a menbem* (amanhã), contrastando com separações e junções previstas tais como *de elefante, comigo*. Como explicar e/ou entender o funcionamento divergente de enunciados escritos como esse? Ou ainda, quais fatores seriam responsáveis pelo descompasso entre esse enunciado e a chamada escrita padrão?

Presumo que essas questões poderiam ser respondidas a partir de vários – e legítimos – pontos de vistas. Um dos propósitos deste trabalho é, justamente, indicar respostas a essas questões, privilegiando o ponto de vista que tem norteador investigações sobre o chamado processo de aquisição da escrita – seja a aquisição da escrita por crianças (do ensino fundamental e infantil), seja a aquisição da escrita por adultos – desenvolvidas no Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília e São José do Rio Preto), do qual faço parte. Outro propósito está estreitamente vinculado a esse primeiro: pretendo

explorar a concepção de escrita que têm subsidiado nossas investigações no interior do GPEL e que aparece, implícita ou explicitamente, em nossos estudos.

Este trabalho está organizado em dois momentos: primeiramente, procuro delinear pressupostos teóricos que têm permitido aos pesquisadores do GPEL entender a escrita produzida na escola e aquela com a qual os escreventes entram em contato na escola e fora dela como constitutivamente heterogênea. Para tanto, tomo como referência formulações de Corrêa (em especial, 2001; 2004) sobre o *modo heterogêneo de constituição da escrita*. Em seguida, analiso fatos divergentes que caracterizam o funcionamento de enunciados escritos produzidos por crianças no chamado processo de aquisição da escrita. A análise desses fatos tem a finalidade de colocar em evidência que o funcionamento divergente da escrita infantil pode ser tomado como indício de um imaginário infantil sobre a escrita, essencialmente vinculado ao imaginário presente nas práticas sociais orais e letradas (escolarizadas e não-escolarizadas) das quais as crianças são partícipes. Nesse sentido, procuro, então, defender a hipótese de que esses fatos divergentes poderiam ser interpretados como evidências em favor da *heterogeneidade da escrita*, tal como definida por Corrêa (2001; 2004). Para desenvolver essa reflexão, reapresento análise feita em Capristano (2007).

A heterogeneidade da escrita

Nas investigações do GPEL, uma das apostas é a de que fatos divergentes que caracterizam a escrita em aquisição (adulta e infantil) – os chamados “erros”! – dariam maior visibilidade e permitiriam distinguir caminhos ou, mais especificamente, seleções e arranjos feitos pelos aprendizes na tarefa, apenas supostamente trivial, de escrever. De acordo com essa aposta, temos procurado explicar e entender o funcionamento divergente que caracteriza enunciados escritos de crianças e de adultos em processo de aquisição não como evidência de inadequação, de insuficiência e/ou de distorção relativamente à

chamada escrita padrão/convencional, mas, sim, como marca inequívoca da relação sujeito/linguagem (cf., ABAURRE *et al.*, 1997, e ABAURRE, 1990, 1996, dentre outros) e indício da inserção (não-sistemática) dos aprendizes de escrita em práticas linguísticas (orais e letradas) historicamente determinadas.

Temos tido, também, a preocupação de focalizar, em nossas análises, *processos* que, a nosso ver, permitiriam a existência de enunciados escritos tais como os que analisamos e, não propriamente, o *produto* escrito por ele mesmo. Dito de outra forma, temos postulado que seria possível, a partir do produto escrito – o enunciado produzido pela criança ou pelo adulto –, reconhecer processos que muito provavelmente mobilizariam o aparecimento de “erros” e que, ao mesmo tempo, marcariam a trajetória desses escreventes em sua inserção na escrita convencional.

Cabe salientar ainda que o interesse do GPEL tem se voltado para processos que dizem respeito à relação entre fatos característicos de enunciações faladas e fatos característicos de enunciações escritas, ou ainda, temos dado prioridade à reflexão sobre fenômenos que, na escrita inicial, apontam para um entrelaçamento entre o falado e o escrito.

Essa forma de entender e explicar o funcionamento divergente da escrita inicial – bem como a prioridade dada à reflexão sobre fatos que, nessa escrita, apontariam para um entrelaçamento entre o falado e o escrito – está direta e estreitamente vinculada à adoção de uma forma de compreender a escrita tal como aparece delineada em trabalhos de Corrêa (em especial, 2001 e 2004). Em seus trabalhos, esse pesquisador tem sustentado a idéia de que *o encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas* (CORRÊA, 2004, p. 34), que, de modo mais acentuado, pode ser observado, por exemplo, na escrita inicial de adultos e de crianças, não marcaria uma suposta intervenção e/ou interferência danosa da fala na escrita; ou ainda, não registraria *apenas a relação*

entre duas diferentes tecnologias (CORRÊA, 2007, p. 269). Ao contrário, esse encontro seria constitutivo do modo de enunciação escrito.

Na tarefa de formulação desse modo singular de conceber a relação entre fatos falados e escritos, toda a argumentação é feita com base, sobretudo, na análise de textos de vestibulandos e a partir de contribuições teóricas advindas de *uma zona fronteiriça* (CORRÊA, 2008, p. 202), para usar palavras do autor, na qual são articulados saberes provenientes da Linguística, da Análise do Discurso e das teorias de letramento. Mesmo correndo o risco de simplificar ao extremo as diversas e importantes contribuições desse pesquisador, permito-me aqui sintetizar o que considero como as principais proposições que sustentam sua maneira particular de compreender o funcionamento da escrita, proposições que têm subsidiado pesquisas no âmbito do GPEL:

(a) *Fala e escrita são vistas como modos de enunciação ligados às práticas de oralidade e de letramento*: proposição que implica considerar que fala e escrita são, ao mesmo tempo, fatos linguísticos e práticas sociais. Com essa delimitação, o autor questiona a visão segundo a qual a escrita poderia ser reduzida a seu *material significante* e/ou a sua *base semiótica* e posiciona-se no sentido de entendê-la em seu *processo de produção*. Recusa, ademais, “uma visão puramente formal da escrita – que concebe a escrita como um produto acabado, com ênfase em seu papel instrumental de registro – *para tratá-la como um tipo particular de enunciação (...)*” (CORRÊA, 1998, p. 171-2, *grifo meu*).

(b) *Marcas de fatos ligados à enunciação oral presentes em enunciados escritos constituem indícios do modo heterogêneo de constituição da escrita*. Com base na revisão crítica de trabalhos que parecem defender uma dicotomia radical entre o falado e o escrito e, principalmente, tendo como ponto de partida – mas não de chegada! – trabalhos que tomam essa dicotomia apenas como recurso metodológico, Corrêa defende que a heterogeneidade não é uma característica que se marcaria *na* escrita, em especial nas escritas não-

adequadas ao padrão escrito, mas, sim, uma característica *da* escrita – constitutiva e interior a ela.

(c) *A escrita vista em seu processo de produção.* Com essa proposição, chama-se a atenção para o fato de que, ao assumir a escrita como *processo* – e não como *produto* –, assume-se, também, que o caráter heterogêneo da escrita não está restrito ao seu *material significante*, mas propaga-se para outras dimensões que constituem o processo de sua produção. Nesse sentido, na avaliação, no exame e/ou na análise de fatos linguísticos escritos, a atenção volta-se prioritariamente para aquilo que, no produto escrito, aponta para seu processo de constituição.

(d) *A relação oral/falado e letrado/escrito é vista sempre a partir de uma outra: a relação sujeito/linguagem.* Observa-se, neste sentido, que o escrevente é, pois, parte fundamental do processo de apreensão de fatos característicos da enunciação falada pela escrita. É por esta razão que, em seus trabalhos, Corrêa tem enfatizado “o desvendamento das representações que o escrevente faz da relação oralidade/escrita” (CORRÊA, 2004, p. 34). Tal desvendamento é feito por meio da análise de pistas linguísticas que permitem assinalar “pontos de ruptura da cadeia discursiva que denunciam a circulação do escrevente pela imagem que ele faz da (sua) escrita, evidenciando a heterogeneidade que os (a ele a sua escrita) constitui” (CORRÊA, 2004, p. 34).

(e) *A circulação dialógica do escrevente e/ou a imagem que o escrevente faz da escrita são sempre consideradas como parte de um imaginário socialmente partilhado:* ou seja, ao valorizar a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do interlocutor e de si mesmo, o autor objetiva apreender não a representação que o escrevente faria, individualmente, da sua escrita, mas, sim, “uma representação adquirida do grupo de que faz parte, da escola que frequenta, do vestibular que presta...” (CORRÊA, 2004, p. XXXIV).

Vê-se, sobretudo nessa última proposição, que a defesa do modo heterogêneo de constituição da escrita se faz em duas vias distintas e interligadas: de um lado, a heterogeneidade da escrita indiciada pela representação que vemos encenada no registro da atividade discursiva do escrevente e, de outro, a heterogeneidade da escrita que permite essa mesma representação, justificada pela presença do modo heterogêneo de constituição da escrita já nas práticas sociais das quais os escreventes participam (escolarizadas ou não-escolarizadas). É, pois, uma forma de conceber a escrita tanto do ponto de vista de sua produção – penso, aqui, nos diferentes e inúmeros enunciados escritos produzidos pelos escreventes, aprendizes ou não –, quanto do ponto de vista da sua recepção: supõe-se, assim, que a escrita com a qual os escreventes entram em contato, nas práticas escolarizadas ou não, teriam a mesma natureza heterogênea.

Indícios da heterogeneidade da escrita em enunciados escritos infantis

O funcionamento divergente da escrita em aquisição (adulta e infantil), em geral, não passa despercebido por aqueles que se dispuserem a observar essa escrita. Entretanto, um observador incauto poderia ser levado a pensar que a natureza diferente dessa escrita seria efêmera, ou seja, a heterogeneidade que se deixa ver, de modo mais acentuado, nas escritas iniciais seria apenas uma característica acessória e provisória dessas escritas. Julga-se, assim, que, com a escolarização, os enunciados escritos pelos aprendizes passariam a ganhar características da escrita socialmente aceita, escrita que seria, supostamente, homogênea, sem “intervenção” e/ou “interferências” de fatos característicos de enunciados falados.

Para nós, diferentemente, a heterogeneidade mais própria à escrita inicial não pode ser interpretada apenas como um movimento transitório dos escreventes em direção à escrita padrão (supostamente homogênea, ou não-heterogênea) ou, ainda, como tentativas malsucedidas de adequação às convenções que caracterizam essa escrita

– movimentos ou tentativas que, em última instância, apontariam apenas para um conhecimento que estaria ainda por vir. A nosso ver, a heterogeneidade que caracteriza a escrita (e, de modo mais mostrado, a escrita inicial) constitui marca inequívoca da relação sujeito/linguagem, indício da circulação do escrevente por práticas orais/letradas e reatualização, em termos de funcionamento, do que acontece com práticas e usos da escrita em geral.

Obviamente, não negligenciamos o fato de que muitos fenômenos que dão à escrita inicial seu caráter heterogêneo deixarão de comparecer nessa escrita quando os escreventes estiverem submetidos às convenções ortográficas (e, mesmo, textuais). O desaparecimento de marcas linguísticas que denunciam a circulação do escrevente por práticas orais e letradas na dimensão ortográfica da escrita não é, no entanto, evidência suficiente para negar essa circulação. Afinal, o caráter heterogêneo da escrita não se reduz àquele que se pode observar na sua dimensão ortográfica.

Considero que existem duas formas de detectar a heterogeneidade que constitui a escrita inicial. Uma delas seria observar essa heterogeneidade examinando, num mesmo enunciado, fatos linguísticos que marcariam diferentes formas de circulação do escrevente pelos modos de enunciação falado e escrito. No exemplo apresentado anteriormente, é possível verificar momentos em que a criança faz uma representação baseada na suposição de que a escrita mantém uma relação direta com a fala e, nesse sentido, poderia representar integralmente o falado (CORRÊA, 2004). Considerando apenas a representação ortográfica de certos segmentos fônicos, ocorrências como *elefanti* (elefante), *namora* (namorar), *bejo* (beijo) seriam exemplos dessa suposição². Não é possível, entretanto, dizer que

² É possível supor que, no primeiro caso, o escrevente registra a pronúncia do /i/ átono final; no segundo, registra a pronúncia do infinitivo verbal sem o /R/ final, pronúncia característica de variantes faladas do Português Brasileiro e, no último caso, registra a pronúncia da palavra *beijo* com o ditongo reduzido, fato também bastante comum em variantes faladas do Português Brasileiro.

o enunciado escrito apresentado acima foi inteiramente produzido com base nessa suposição. Pelo contrário, considerando, novamente, apenas a representação ortográfica de segmentos fônicos, ocorrências tais como *elefante*, *casar*, dentre outras, seriam justamente momentos em que a escrita da criança mostra-se “(...) com mais clareza, como produto da inserção do aprendiz em práticas de letramento (dentro e fora do contexto escolar) que privilegiam um conhecimento metalinguístico sobre a língua em seu modo de enunciação escrito” (CHACON, 2005, p. 83)³.

Outra forma de apreender a heterogeneidade que constitui a escrita seria examinar um único fato linguístico, que, por sua vez, também marcaria diferentes formas de circulação do escrevente pelos modos de enunciação falado e escrito. Neste caso, seriam colocados em foco, por exemplo, fatos linguísticos que constituiriam efeito de entrelaçamentos entre o falado/escrito, entrelaçamentos que, segundo Chacon

(...) dizem respeito à ocorrência simultânea de duas tendências de localização da escrita pelo sujeito aprendiz: na direção da relação que a criança [e o adulto] estabelece (...) *com o que imagina ser a gênese da escrita – supostamente a capacidade da escrita de representar integralmente o falado* (...) e na direção da relação que a criança [e o adulto] estabelece com a (...) *reproduzibilidade de uma prática*, na medida em que se coloca em (...) *relação com o que imagina ser o institucionalizado para sua escrita* (...) (CORRÊA, 2004, p. 294). Ou seja, trata-se de entrelaçamentos que marcam, na escrita inicial, a história da criança [e do adulto] com (...) *encontros*

³ Esses exemplos opõem-se aos anteriores na medida em que, neles, o que parece estar em jogo é justamente uma percepção da autonomia da escrita relativamente à fala. Nesses casos, é possível supor que, mesmo pronunciando o /i/ átono final da palavra *elefante*, o escrevente registra esse elemento com a letra E; analogamente, mesmo pronunciando o infinitivo verbal sem o /R/ final da palavra *casar*, o escrevente registra a sílaba final dessa palavra com a letra R.

entre o oral/falado e letrado/escrito (id., *ibid.*, p. 298, *grifos do autor*).

Um exemplo desse entrelaçamento pode ser observado na ocorrência *ven mos* (vamos), que aparece no enunciado apresentado anteriormente. Nela, ocorre uma separação além da prevista pelas normas ortográficas – fatos como esses têm sido classificados pela literatura como *hipersegmentações* (cf. SILVA, 1994). Ocorrências divergentes como essa parecem resultar da oscilação entre uma atuação de sílabas prosódicas *ven* [ve] *mos* [mos] e a atuação de uma restrição ortográfica: a impossibilidade de unir sequencialmente, na escrita do português, as letras *m* e *n*. Assim, do ponto de vista que assumimos, o que mobilizou a separação não-convencional foi o fato de “o escrevente oscila[r] entre a tentativa de representação de características fonético-fonológicas (segmentais e/ou prosódicas) detectadas em sua variedade linguística falada e a convenção ortográfica institucionalizada (...)” (CORRÊA, 2007, p. 01).

Em nossos trabalhos, temos prioritariamente focalizado essa segunda forma de apreender a heterogeneidade que constitui a escrita inicial. O GPEL tem investigado, por exemplo: (a) como os escreventes lidam com a sílaba escrita – cf., a título de exemplo, CHACON e BERTI (2008); (b) como os escreventes lidam com a palavra escrita – cf., por exemplo, CAPRISTANO (2004, 2007); CHACON (2005, 2004a, 2006a, 2006b); SERRA, TENANI e CHACON (2006); TENANI (2004, 2008); (c) como os escreventes lidam com a pontuação dos enunciados escritos que produzem – CHACON (1999, 2004b); dentre outros.

Neste trabalho, seguindo uma das temáticas que têm interessado o GPEL, examinarei apenas divergências que dizem respeito à distribuição de espaços em branco (doravante, *segmentação*) que, na escrita convencional, são responsáveis por indicar limites de palavras conforme definidas morfológicamente⁴.

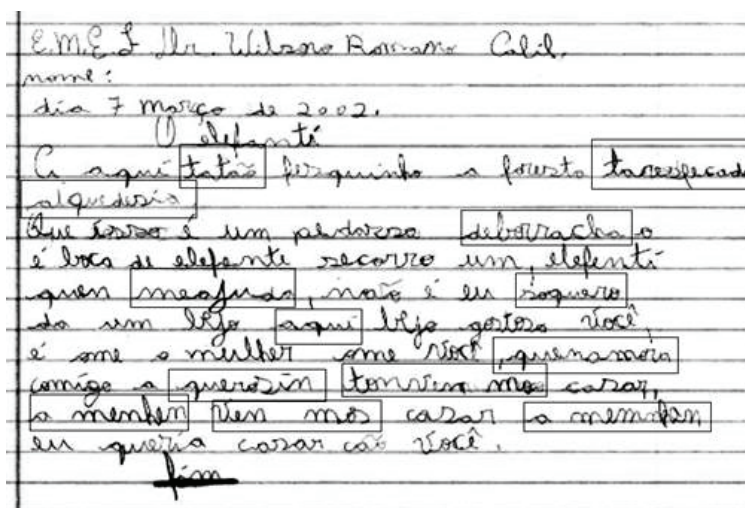
⁴ O que me impulsiona a eleger a segmentação não-convencional como marca linguística privilegiada para a reflexão sobre a constituição heterogênea dos

Nos trabalhos que temos desenvolvido sobre a segmentação divergente que caracteriza a escrita inicial, temos observado que sempre, em diferentes graus, as ocorrências de segmentação escrita não-convencionais resultam do trânsito e/ou da co-ocorrência entre diferentes aspectos das práticas sociais orais e letradas nas quais crianças e adultos possivelmente estão/estiveram inseridos. Em nossas pesquisas, temos sugerido a existência de dois diferentes fatores que parecem atravessar de diferentes modos as segmentações não-convencionais feitas pelos escreventes: um mais ligado aos aspectos prosódicos de enunciados falados⁵; outro mais ligado à imagem que os escreventes teriam do que seria próprio da escrita. Para tornar mais claras essas afirmações, reexamino o enunciado escrito apresentado no início deste trabalho, desta feita, com ênfase nos casos de segmentação não-convencional, destacados abaixo:

enunciados escritos iniciais é o fato de, em meus próprios trabalhos, ter me detido com exclusividade nesse aspecto da escrita inicial.

⁵ Seguindo a trilha aberta por Abaurre (1991, 1992, 1996), Abaurre & Cagliari (1985), Abaurre & Silva (1993) e Silva (1994), temos optado por observar a possibilidade de relações entre segmentações não-convencionais e fatos prosódicos – ou seja, estamos atentos à possibilidade de fatos prosódicos serem (também) intuídos e marcados pela presença ou ausência de uma marca gráfica: o branco. Para examinarmos esses fatos prosódicos, apoiamo-nos em estudos voltados para a consideração fonológica dos fatos prosódicos, dentre os quais selecionamos o de Nespôr e Vogel (1986). O modelo desenvolvido por Nespôr e Vogel (1986) lida com a formalização do componente prosódico em sete (07) domínios, hierarquicamente organizados: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico.

Figura 2



Esse enunciado é constituído de oitenta e duas “palavras”. Destas, cinquenta e oito (70,7%) são delimitadas convencionalmente⁶, enquanto que as “palavras” restantes (24, correspondentes a 29,3% do total de palavras do enunciado) são delimitadas de forma não-convencional: ora a criança propõe separações além das previstas pelas convenções escritas – como em *a menben* (amanhã) – ora propõe junções não

⁶Convém destacar que consideramos que a adequação às convenções escritas pode ser interpretada como algo apenas *aparente*, ou seja, o produto final (a segmentação feita de forma convencional) muito provavelmente esconde um processo que se constitui diferentemente para cada sujeito. Supomos, portanto, que as segmentações convencionais propostas pelos aprendizes de escrita, que convivem com segmentações não-convencionais, não podem ser interpretadas como evidências de que a criança aprendeu *as* convenções da escrita, que ela construiu um (único) conhecimento sobre a escrita que seria idêntico para todos os falantes e escreventes de uma sociedade – no nosso caso, da sociedade falante e escrevente da língua portuguesa. Nos momentos em que as crianças parecem propor as ditas segmentações convencionais e suas escritas aparecem mais controladas, submetidas, então, às convenções da escrita, parece ocorrer que o produto final – segmentação de acordo com a norma ortográfica – escondeu o processo de constituição desta escrita – heterogêneo, por excelência.

previstas – *meajuda* (me ajuda) – e, ainda, combina junções e separações não previstas – como em *tonvem mos* (então vamos). Ou seja, nele é possível observar o que em nossos trabalhos temos chamado, seguindo o proposto pela literatura que trata da segmentação na escrita infantil (cf. SILVA, 1994; ABAURRE, 1991; CHACON, 2006; dentre outros), de *hipersegmentações*, *hipossegmentação* e *mesclas*, respectivamente.

As hipossegmentações constituem ocorrências de segmentação não-convencional que parecem ser determinadas prioritariamente pela atuação de diferentes limites prosódicos. Esse tipo de ocorrência, a nosso ver, deriva de uma pressuposição, feita pelos escreventes, de que existiria uma relação unívoca entre aspectos prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita, de modo que usos da linguagem falada, em especial as “fronteiras” estabelecidas no fluxo da linguagem oral, pudessem ser transferidos diretamente para a escrita, sem alterações. Seriam, nesse sentido, preferencialmente, indícios de uma das imagens que o escrevente faz da (sua) escrita – no sentido atribuído a essa afirmação por Corrêa (1998, 2004) – ou, ainda, de um dos modos segundo os quais o escrevente circula em dados momentos de sua produção escrita, momento em que “confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e de fidelidade representacional” (CORRÊA, 2004, p. 82). Mas não só. Como destacado por Chacon (2006), essas ocorrências também são afetadas por parâmetros advindos das práticas letradas dos escreventes, uma vez que as fronteiras das estruturas hipossegmentadas são, sempre, coincidentes com limites de palavras da língua, fato que assinala “um entrecruzamento de critérios de natureza prosódica e critérios de natureza gráfica na composição dessas estruturas” (CHACON, 2006, p. 08).

No enunciado acima, as ocorrências *taresfecanda* (ta refrescando), *aiquedesia* (aí que delícia!), *deborracha* (de borracha), *querosin* (quero sim), *meajuda* (me ajuda), *soquero* (só quero), *quenamora* (quer namorar) exemplificam esse funcionamento. Evidentemente, o tipo de limite prosódico que determina as hipossegmentações pode ser

diferente. Assim, *aiquedesia* (aí que delícia!) parece derivar da atuação de um enunciado fonológico⁷: [aiquedesia] U, enquanto *deborracha* (de borracha) parece derivar da percepção dos limites de uma frase fonológica simples – preenchida por apenas um grupo clítico⁸.

No enunciado em análise, aparecem, ainda, as hipersegmentações *a meneen* (amanhã) e *ven mos* (vamos). Temos entendido que hipersegmentações derivam da atuação simultânea de limites prosódicos e informações sobre o que Corrêa (2004) define como código escrito institucionalizado. Isso porque, por um lado, as rupturas em *a meneen* (amanhã) e *ven mos* (vamos) ocorrem em limites de sílaba (*a*, *ven* e *mos*)⁹ e em limites de pé (*mennen*)¹⁰, o que indicia a circulação do escrevente por práticas orais ou, em outras palavras, indicia a atuação de limites prosódicos. Por outro lado, não é possível deixar de observar que em *a meneen* (amanhã) a ruptura não prevista emerge em lugar no qual se pode reconhecer palavras da língua – as

⁷ O *enunciado fonológico* (U) é o constituinte mais alto da hierarquia prosódica proposta por Nespor Vogel (1986). É delimitado pelo começo e fim de um constituinte oracional de natureza sintático-semântica e por pausas inerentes à delimitação de suas fronteiras.

⁸ O *grupo clítico* (C) é uma unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica. Ele é formado por uma única palavra de conteúdo acompanhada de clíticos (palavras funcionais átonas, como artigos, preposições, conjunções). Num enunciado tal como *A casa da Ana fica em Marília* teríamos os seguintes grupos clíticos: [A casa]C [da Ana]C [fica]C [em Marília]C. A *frase fonológica* (φ), por sua vez, é a categoria que congrega um ou mais grupos clíticos. Num enunciado tal como “A casa da Ana fica em Marília”, teríamos as seguintes frases fonológicas: [A casa da Ana] φ [fica em Marília] φ .

⁹ A *sílaba* (σ) constitui a menor unidade prosódica. Assim como os demais constituintes, ela possui um cabeça (nó com valor forte), que em Português Brasileiro é sempre uma vogal, e, possivelmente, seus dominados (nós com valor fraco), que, em Português Brasileiro, podem ser consoantes ou glides. No modelo prosódico proposto por Nespor e Vogel (1986), as sílabas são agrupadas em *pés*.

¹⁰ O *pé métrico* (Σ) é uma estrutura hierárquica menor ou igual à palavra que se define pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. Pode ser, dentre outros, troqueu (forte/fraco), como por exemplo em *casa* (/za/, /ka/), ou iambo (fraco/forte), como por exemplo em *café* (/ka//fɛ/).

palavras *a* (artigo definido) e *manbã* (substantivo) – e, em *ven mos* (vamos), a ruptura parece resultar, conforme antecipei, da atuação de uma restrição ortográfica da língua em sua modalidade escrita: a impossibilidade de unir sequencialmente, na escrita do português, as letras *m* e *n* ou, ainda, a atuação da proximidade gráfica da sequência *mo* com a configuração gráfica do monossílabo *no* (contração de *em* + *o*) e da proximidade gráfica da sequência *vem* com o verbo *vir* (vem). Tanto o reconhecimento de palavras da língua quanto a atuação de uma restrição ortográfica constituem indícios da circulação do escrevente por suas práticas letradas ou, em outras palavras, indicia a atuação de informações ligadas à escrita institucionalizada.

Por fim, restam as ocorrências que referenciei como mesclas. Esses tipos de segmentação não-convencional têm a particularidade de não poderem ser satisfatoriamente compreendidos se categorizados como hiper ou hipossegmentações, uma vez que se constituem por “junções justamente em partes nas quais deveria (ou se suporia) haver um *limite* ao mesmo tempo ortográfico e prosódico” (CHACON, 2004, p. 226, *grifo do autor*)¹¹. Além disso, essas ocorrências caracterizam-se pelo fato de resultarem, em geral, da atuação simultânea de mais de um constituinte prosódico. Ou seja, consistem de estruturas que

(...) no amálgama que apresentam, (...) [indicam] a intuição do escrevente de um constituinte prosódico que englobaria a estrutura amalgamada – e, como consequência, o envolvimento de mais de um constituinte prosódico numa mesma estrutura, já que, no interior desse constituinte mais amplo, parte dele fica isolada por espaços em branco (CHACON, 2009)

¹¹ Chacon (2004) deteve-se especificamente em estudar esse tipo de ocorrências que, em suas palavras, parecem não reproduzir – como nos casos de hiper e hipossegmentação – “padrões rítmico-entonacionais da oralidade e/ou que não se explicam com base em algoritmos como aqueles que definem constituintes da hierarquia prosódica, conforme proposta por Nespor e Vogel (1986)” (CHACON, 2004, p. 225).

A atuação simultânea de mais de um constituinte prosódico está, em geral, associada também à atuação de informações sobre a escrita institucionalizada. A ocorrência *tonven mo* (então vamos) constitui exemplo desse fato. Essa ocorrência apresenta-se como uma combinação entre uma junção e uma separação não previstas, mais especificamente, a união entre o que pode ser interpretado como a frase entonacional “então” e o primeiro elemento da frase entonacional “vamos casar amanhã” e a separação não prevista das sílabas da palavra “vamos”, como pode ser observado em:

[[**ton**] I[**ven mo** casar a menhen]I]U

Difícilmente seria possível compreender essa ocorrência de segmentação não-convencional localizando a atenção em apenas uma de suas partes (*tonven* ou *mo*). Parece que é a atuação simultânea de aspectos prosódicos e aspectos relativos à escrita convencional que determinaram seu aparecimento. Creio não ser ilícito supor, pela junção observada entre *ton* e *ven*, a atuação de um constituinte prosódico tal como o enunciado fonológico – a criança pode ter selecionado para escrever todo o enunciado “então vamos casar amanhã” – que, por sua vez, pode ter sido atravessada pela atuação de uma percepção dos limites de sílaba da língua (*mos*) e de características da escrita convencional – a impossibilidade de unir sequencialmente, na escrita do português, as letras *m* e *n*. No que toca à atuação de características da escrita convencional, é possível supor, ainda, que essa segmentação não-convencional teria sido atravessada pela percepção da proximidade gráfica da sequência *mos* com a configuração gráfica do monossílabo *nos* (contração de *em* + *os*). Segundo Chacon (2004), em casos como esse, “o reconhecimento daquilo que poderia funcionar como uma palavra para a criança acompanharia o próprio movimento de sequenciação da atividade de escrever” (p. 227).

Convém notar que ocorrências que caracterizam esse funcionamento podem resultar também de uma ação/percepção retrospectiva: é

o caso da ocorrência *aqui* (**ah! Que** beijo...). Essa ocorrência apresenta-se como uma combinação de junção entre a frase entonacional “ah!” e o primeiro elemento da frase entonacional seguinte “que beijo gostoso”, como pode ser observado em:

[a] I [**qui** bejo gostoso] I.

Ela pode também ter sido mobilizada pela semelhança gráfica dessa sequência com a palavra *aqui*. Nesse caso, “o próprio término de um elemento que pode ser considerado, convencionalmente, como palavra é que foi reconhecido” (CHACON, 2004, p. 228) reconhecimento que, segundo Chacon, seria fruto de uma ação retrospectiva do sujeito em seu ato de escrever – ou, talvez, de uma ação retrospectiva de restrições da língua sobre/no sujeito escrevente.

Considerações finais

Iniciei este trabalho fazendo os seguintes questionamentos: como explicar e/ou entender o funcionamento divergente e heterogêneo de enunciados escritos produzidos por escreventes em processo de aquisição da escrita? Ou ainda, quais fatores seriam responsáveis pelo descompasso entre os enunciados desses escreventes e a chamada escrita padrão?

Quanto a essa primeira questão, suponho ter explicitado que, nos trabalhos que temos desenvolvido no âmbito do GPEL, nosso objetivo tem sido mostrar que marcas linguísticas não-coincidentes com a chamada escrita padrão podem ser interpretadas como marcas de heterogeneidade da escrita infantil. Como procurei indicar, entendemos de uma maneira particular essa heterogeneidade. Quando afirmamos, por exemplo, que pode ter sido a associação de critérios de natureza prosódica e critérios de natureza (orto)gráfica que determinariam uma junção não-convencional de segmentação escrita – como nas ocorrências *soquero* (só quero), *quenamora* (quer namorar) – nosso

intuito é enfatizar que essas ocorrências não-convencionais de segmentação escrita não derivam de uma interferência da fala na escrita. Na verdade, elas seriam evidências da tensão entre duas imagens que o escrevente faz da (sua) escrita: ora confere a ela “um poder quase ilimitado de representação e de fidelidade representacional” (CORRÊA, 2004, p. 82); ora “lida, basicamente, com o que supõe ser – a partir não só do que aprendeu na escola, mas, em grande parte, do que assimilou fora dela – a visão escolarizada de código institucionalmente reconhecido.” (CORRÊA, 1997, p. 271).

Note-se, entretanto, que, coerentemente com o quadro teórico que assumimos, nossa defesa é a de que essas imagens não decorrem da suposta condição de aprendiz dos escreventes (adultos e crianças), ou seja, não é porque escreventes em processo de aquisição da escrita ainda não estariam imersos no funcionamento convencional da escrita que eles propoem tais segmentações. Esse modo de circulação por práticas orais/letradas não é, pois, exclusivo dos enunciados infantis, por exemplo – como bem mostra Corrêa em seus trabalhos –, mas é parte constitutiva da escrita como um todo – quando esta é vista a partir das representações que o sujeito faz da (sua) escrita. Assim, ocorrências de segmentação não-convencional como *soquero* (só quero), *quenamora* (quer namorar) permitem detectar traços de um imaginário infantil sobre a escrita vinculado, essencialmente, ao imaginário presente nas práticas sociais orais e letradas nas quais as crianças estão imersas.

Quanto aos fatores que seriam responsáveis pelo descompasso entre enunciados característicos da escrita inicial e a escrita padrão – segunda questão! –, especificamente quanto à dimensão ortográfica da escrita, temos considerado que a produção linguística escrita de pessoas submetidas ao funcionamento convencional da escrita é, em geral, regulada, controlada e organizada em função de normas e convenções estabelecidas nas práticas sócio-histórico-culturais de que participam os sujeitos nos diferentes tipos de atividades humanas. A escrita de adultos e crianças em processo de aquisição, embora imersa e derivada também dessas práticas, apresenta outra ordem.

Como suponho ser possível observar pelas considerações que fiz a respeito dos fatos que parecem determinar o aparecimento de segmentações não-convencionais na escrita infantil, a produção linguística escrita de crianças (e, analogamente, de adultos) em processo de aquisição é regulada, controlada e organizada em função de parâmetros que, embora incluam normas e convenções estabelecidas em práticas sócio-histórico-culturais – elas, por exemplo, hipersegmentam seus enunciados escritos guiando-se provavelmente pela percepção da autonomia gráfica de certas unidades como em “a” (artigo definido feminino) “meneen” (substantivo) e pela percepção de regras ortográficas que regem a distribuição de letras como em *ven mos* (vamos) –, não se limitam a elas. Os dados que apresentei são apenas uma pequena amostra desse tipo de escrita, e neles já é possível observar certo número de parâmetros não relacionados diretamente às convenções socialmente estabelecidas para a delimitação gráfica de palavras, mas que, certamente, advêm de outras possibilidades abertas pela língua (gem) em seus modos de enunciação falado e escrito.

Referências

ABAURRE, M. B. M. Língua oral, língua escrita: interessam, à linguística, os dados da aquisição da representação escrita da linguagem? In: IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, 199, Campinas. *Atas...* Campinas: IEL/UNICAMP, 1993. p. 361-381.

_____. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. *Boletim da Abralín*, Curitiba, v. 11, p. 203-17, 1991.

_____. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes Editores, 1992. p. 135-42.

_____. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 111-78.

ABAURRE, M. B. M.; CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na primeira série: evidência da utilização, pela criança, de sua percepção fonética para representar e segmentar a escrita. *Cadernos Cedes*, São Paulo, v. 14, p. 25-29, 1985.

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. T. *Cenas de aquisição da escrita: o trabalho do sujeito com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

ABAURRE, M. B. M.; SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. *Temas em psicologia*, São Paulo, v. 1, p. 89-102, 1993.

CAPRISTANO, C. C. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. 2007b. Tese Curso de Doutorado em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CHACON, L. Algumas palavras sobre a relação entre oralidade e letramento em hipersegmentações na aquisição da escrita. In: CORRÊA, M. L. G. (org.). *Práticas escritas na escola: letramento e representação*. São Paulo: Convênio CAPES/COFECUB, 2006a. p. 57-61.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, M. L. G.; BOCH, F. (org.). *Ensino de língua: representação e letramento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2006b. p. 155-167.

_____. Segmentações não-convencionais na escrita de pré-escolares: entrecruzamentos entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. In: LAMPRECHT, R.R. (org.) *Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2009. p. 282-295. (no prelo)

_____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. XXXIV, p. 77-86, 2005.

_____. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004a.

_____. Oralidade e letramento na construção da pontuação. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, n. Especial, p. 97-122, 2004b.

_____. Algumas palavras sobre a aquisição da pontuação. In: LAMPRECHT, R. R. (org.). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1999. p. 187-200.

CHACON, L.; BERTI, L. C. Ocorrências de coda silábica simples na escrita infantil. In: MATZENAUER, C. L. B.; MIRANDA, A. R. M.; FINGER, I.; AMARAL, L. I. C.. (org.). *Estudos da linguagem*, Pelotas, 2008. p. 273-289.

CORRÊA, M. L. G. Pressupostos teóricos para o ensino da escrita: entre a adequação e o acontecimento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 9, p. 201-211, 2008.

_____. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 8, p. 269-286, 2007.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 45(2), p. 205-224, 2006.

_____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

_____. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. *Cadernos da F.F.C.*, Marília, v. 6, n. 2, p. 165-185, 1998.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

SERRA, M. P.; TENANI, L. E. ; CHACON, L. Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. XXXV, p. 1247-1254, 2006.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1994.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 233-244, 2004.

_____. Letramento e segmentações não-convencionais de palavras. In: TFOUNI, L. (org.). *Letramentos* (no prelo). São Paulo: Edusp, 2008.

Cristiane Carneiro Capristano é Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/São José do Rio Preto) e Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp). É professora de graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Desenvolve pesquisas na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: letramento, escrita, aquisição da escrita e relação fonologia/convenções ortográficas. Integra o Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (CNPq).

E-mail: capristano1@yahoo.com.br

Submetido em: dezembro de 2009

Aceito em: fevereiro de 2010